

07

Pensar a Representação
Objetos e Processos

PAR

Janus

Nuno Fragata

<https://doi.org/10.25766/3vqf-e881>

Uma porta

Na cultura ocidental, o corpo é normalmente separado da mente e colocado no plano da imagem, sendo a imagem considerada como representativa da matéria, e a mente como uma forma de dar sentido às representações. A pele, como indício da existência do corpo físico, define a fronteira entre interior e exterior contendo e revelando questões de género, identidade, natural e sobrenatural, humano e não-humano. A pele cobre e esconde, cobre e revela. Como fronteira possivelmente a transpor, a pele prende-nos na observação da imagem de um rosto, retrato, que mais do que representar de uma pessoa, representa tensões num território situado entre a representação e a expressão. Sendo uma fixação de uma percepção daquele que é representado, convoca e emite sinais para o olhar do espetador, convida-o a entrar na imagem instaurando o rosto como um território, uma superfície que é produzida por a cabeça deixar de ser codificada pelo corpo, surgindo isolada, reenquadrada. A imagem independente de um rosto, reenquadrada, poderá remeter para a noção do outro que surge a partir de um eu, para a possibilidade de constante mudança, e para a procura da fixação dessa mudança. Pressupondo que tudo na existência é composto por matéria a fluir, cada imagem é uma fixação de mudança, um reflexo e uma refração de todo o resto, referenciando sempre o todo. A imagem, o aspeto do mundo que foi fixado, ganha significado pela referência que faz ao universo. A imagem criada a partir de um rosto fará sempre referência a esse rosto, mesmo que resulte numa representação completamente diferenciada, referenciando simultaneamente o devir e a imagem da constante mudança de um rosto, humano, isolado do restante corpo.

Nos trabalhos que produz em fotografia, Jorge Molder utiliza a si mesmo como modelo. Afirma que nesses trabalhos o rosto que surge é o rosto de um humano e não o seu rosto. Ao olhar muitas das suas fotografias reconhece-se o rosto do artista em diferentes idades ao longo da sua obra, mas o rosto surge como uma

autorrepresentação. O autor utiliza a sua imagem enquanto ficção de um *outro*, um personagem construído em fotografias que não procuram ser autorretratos. Jorge Molder é citado por Ian Hunt numa entrevista a Alexandre Melo, em que fala da série *Do outro lado do banho de ácido*:

[...] consegui descobrir nesta peculiar representação de mim próprio um personagem que não sou inteiramente eu. Não pode, todavia, ser mais ninguém que não eu. Suponho que se torna não uma semelhança ideal – ideal no sentido de que não existe – mas uma entidade que tem uma entidade quase igual à minha. É caminhar em direção a uma abstração, ou a um ideal, porque não sou eu, nem é nenhum outro ser possível ou concreto;

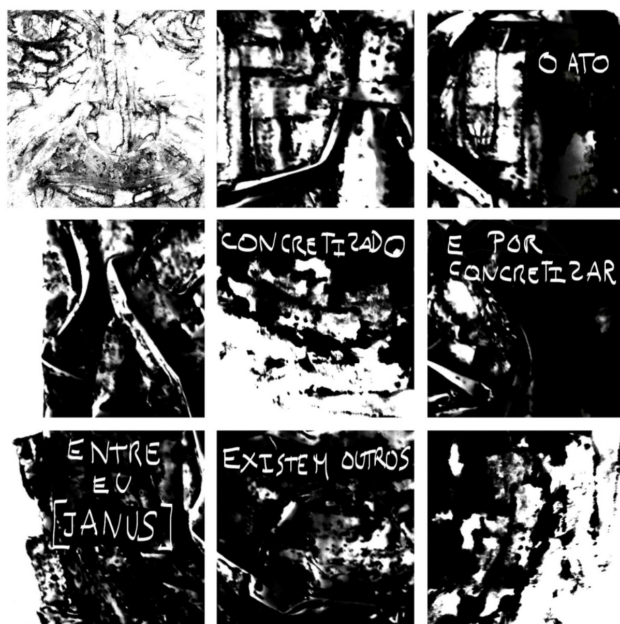
(*Hunt, 1999, p. 279*)

A produção a partir da imagem de um rosto poderá ser como partir à descoberta de um território revelador de uma potencial identidade, fictícia. Possível ensaio e a fixação de uma imagem de mudança, de passagem.









A descoberta pela prática

A pesquisa em artes visuais, a pesquisa realizada pelo artista-pesquisador a partir do processo utilizado para o desenvolvimento do trabalho artístico, implica um processo de comunicação e influência entre experiência e experimentação. Os conceitos retirados do processo prático são estudados pela teoria e novamente levados à prática, numa produção contínua de trabalho e de formação de conteúdo. A obra surge como um elemento ativo na produção de significado e influencia a sua produção. A obra interpela o autor enquanto e após ganhar corpo. Questiona-o e leva-o a repensar opções, caminhos, certezas, por o artista-pesquisador não procurar respostas, mas sim avançar nas suas questões. A dimensão teórica da obra revela-se pela colocação em prática de conceitos e pela maneira como estes se revelam em termos materiais e plásticos, sendo que toda a obra de arte contém em si mesma toda a sua dimensão teórica, a procura de uma linguagem e de um ponto de vista diferenciado. Da produção em contínuo, surge o ponto de vista diferenciado, do confronto com o processo de criação, que inclui as vivências do artista, e da sua subjetividade. O artista comunica *na* obra de arte e não *pela* obra de arte: a obra resulta como a concretização de ideias, de conceitos, como exploração de procedimentos técnicos, visualização de ideias e concretizações

de pensamentos. O artista materializa o seu conceito à *sua* maneira. Na obra, a subjetividade individual transforma-se numa verdade própria, manifestada. A obra de arte *instaura uma verdade*, oferecendo questões em vez de respostas. A pesquisa em artes visuais apresenta o objeto no seu estado final, produzido, mas como *devir*, em constante formação e transformação. Cada objeto produzido ganha existência, corpo físico, identidade, pele. Cada objeto será como um rosto fixado no tempo, uma imagem de mudança. Uma parte do todo que se revela. Um todo que existe em potencial, mas cujo limite é ainda desconhecido, território sem fronteiras delimitadas. Cada objeto será como o tatear de um rosto, a cada passagem revelando algo por colocar questões. Cada tatear, cada produção ajuda à definição de território, como procura.

A procura

Janus (ou Jano) é o nome de um deus romano com duas faces ou duas cabeças, uma olhando para a frente e a outra para trás. Representando a indecisão por cada cabeça ou rosto poder falar de coisas diferentes, Janus poderá ser a inconstância, a procura. Figurando o passado e o futuro, Janus será representativo da passagem, como quando nos encontramos sob a ombreira de uma porta e temos uma decisão a tomar. Cada imagem de rosto que convida à exploração será como um convite à produção, a ser ou não aceite. Cada rosto revelado pela exploração continuada, cada objeto como fatia do território em processo de descoberta, será como uma porta que vira para dois lados, que se poderá abrir ou fechar, potencialmente revelando ou velando ligações. Cada objeto conterà nele mesmo a referência à totalidade do trabalho que resultou ou poderá resultar da exploração continuada. Cada objeto produzido será como uma inconstância manifestada, será como um rosto de Janus.

BIBLIOGRAFIA

Deleuze, G. (1997). *Cinema I – The Movement Image*. 5ª ed. The Athlone Press.

Deleuze, G. (1997). *Cinema II – The Time Image*. 5ª ed. The Athlone Press.

Gil, J. (2005). *A Arte do Retrato. Sem Título – Escritos sobre Arte e Artistas*, 2ª ed. Relógio D'Água.

Rey, S. (2002). Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: Brites, Blanca; Tessler, Elida (Org.). *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. UFRGS (Coleção Visualidade).

Sardo, D. (1999). *Luxury Bound Fotografias de Jorge Molder*. Assírio & Alvim.